

3.º A cauterisação pelo cauterio actual e pelos causticos potenciaes é insufficiente; ella não destróe senão uma parte do mal.

4.º É preciso preferir-lhe a extirpação e cauterisação quando o tumor é limitado e circumscripto; este methodo desembaraça inteiramente a economia da infecção local.

5.º Depois da operação, curar com uma pomada excitante, e cobrir a região doente com cataplasma feitas com um cozimento forte de quina, depois banhal-as com alcool camphorado.

6.º Se as pustulas tem sua séde nas mãos, nos braços, nos pés e nas pernas, preferir-lhe os banhos de cozimento de quina, addicionados com alcoolatura de arnica.

7.º O extracto de quina em alta dóse é a base do tratamento medico.

8.º É preciso dal-o desde o começo da molestia, na dóse de 6 grammas por vinte e quatro horas; se ha intoxicação, administral-o na dóse de 8 a 10 grammas.

9.º Quando os symptommas geraes tem deapparecido, continual-o em dóse decrescente durante alguns dias.

10.º Quando ha embaraço gastrico, dar um emeto-cathartico ou um laxativo.

11.º Os purgativos drasticos podem occasionar phlegmasias; ao passo que um laxativo no começo será util.

12.º A medicação antiphlogistica é inutil e perigosa.

*Poder absorvente da urethra.* O Dr. J. L. Cráwcour, no *Southern Journal of Medicine*, refere muitos casos, mostrando que a porção prostática da urethra e o collo da bexiga possuem um poder absorvente muito notavel; de sorte que, levando a estes pontos na extremidade das vellinhas uma pequena quantidade de uma substancia narcotica, seus effeitos se produziam logo com rapidez e intensidade sobre o organismo. O resto do canal da urethra pareceu-lhe inerte relativamente a esta porção.

*Tratamento da sarna.* Lippert recommenda para este fim o seguinte linimento, segundo lemos no *Annuario* do Sr. Bouchardat: Estoraque liquido—20 grammas; Alcool, 10 grammas; oleo d'oliveira, 5 grammas.

« Mistura-se, e faz-se duas fricções uma á noite e outra pela manhã. Não irrita a pelle. »

*Novo meio de expellir a tænia.* O *Leavenworth Medical Herald* menciona um novo tratamento empregado n'este sentido pelo Dr. Lortet. Funda-se elle em ser racionalmente necessario para expellir a tænia,—1.º administrar alguma substancia que a mate, ou pelo menos torne-a inerte, sem excitar a

contração dos intestinos; e em segundo lugar, dar aos doente, depois, um purgante oleaginoso brando que remova a tænia sem partil-a. « A inalação do ether, ou sua absorção directa pelo canal intestinal, ou em um xaropé, produz anesthesia no entozoario, que então é levado com violencia até o rectum, d'onde é expellido inteiro e vivo por uma dóse de algum purgativo brando ».

« O Dr. Lortet experimentou este tratamento em poucos casos, mas sempre obteve bom resultado, até em dois doentes nos quaes já tinham falhado todos os outros remedios. Seu methodo é o seguinte:—dar em uma dóse 20 grammas de ether, que em duas horas é seguida por 30 grammas de oleo de ricino. O verme é expellido sem causar dor, inteiro ou quasi inteiro, e sempre com a extremidade cephalica intacta.

*Hemorrhagia depois do parto curada pela projecção dos vapores de ether.* A *Gazette medicale de Lyon* refere um novo caso em que a celebre invenção de Richardson obteve o mais completo resultado. Os Drs. Broadbent e Harrison depois de tentarem despertar as contrações do utero em um caso de hemorrhagia abundantissima, applicando os medicamentos mais usuaes n'estes casos, e excitando o orgão por operações manuaes, vendo baldados os seus esforços, dirigiram uma corrente de ether sobre a região hypogastrica. O utero começou a contrahir-se quasi immediatamente, e a hemorrhagia cessou dentro de pouco tempo.

## CORRESPONDENCIA SCIENTIFICA.

### *Anchylostomus duodenalis.*

ILLM. SNR. REDACTOR.

Li no n.º 31 da *Gazeta Medica*, a noticia (extrahida do *Jornal do Commercio* de 7 de Outubro de 1867) sobre a sessão da Academia Imperial de medicina do Rio, de 12 de Agosto, na qual por occasião de referir-se uma observação cadaverica se tratou da existencia dos anchylostomos em casos de hypoemia, e fiquei bastante sorprendido, que por alguns illustres membros da Academia, que se occuparam deste assumpto, fosse emitida a opinião: «que em geral não deve ser considerado este verme como causa promotora e unica, sine qua non da hypoemia intertropical, e antes como um effeito desta, ou como causa concomitante da doença, ou como obstaculo á cura pelos remedios que em geral lhe são proficuos,» sem declararem os

factos que os conduziram á formar este juizo comprehensivo.

Poder-se-ha dahi deprehender que a questão sobre a importancia dos anchylostomos na hypoemia está sufficientemente esclarecida, não merecendo mais aprofundado estudo.

Porem, questões sobre causa e effeito não se decidem por opiniões ou por votos, e sim pela apreciação dos factos.

A co-existencia constante dos anchylostomos com a hypoemia está assáz demonstrada, e parece mais logico consideral-os antes como causa, senão unica, ao menos aggravante, do que como effeito (?) da molestia.

Nunca encontrei anchylostomos senão com anemia, e ás vezes em casos em que só elles lhe serviam d'explicação, pois nunca achei anchylostomos sem derramamento de algum sangue nos intestinos; entretanto ha anemia sem anchylostomos, produzida por innumeras causas. A efficacia de certos remedios ant-helminthicos ainda corrobora a etiologia verminosa da molestia.

Como a hypoemia é frequentissima neste paiz e muito mortifera, não convem que arrefeçamos no seu estudo, e no dos melhores meios de combatel-a e que repousemos em uma opinião que, embora respeitavel, não me parece logicamente derivada da observação clinica e da apreciação rigorosa dos factos.

Bahia 23 de Dezembro de 1867.

Dr. O. Wucherer.

### EXCERPTOS DA IMPRENSA MEDICA ESTRANGEIRA.

NOTA SOBRE A MOLESTIA DESCRIPTA COM O NOME DE AINHUM, OBSERVADA NOS INDIOS,

Pelo Dr. A. Collas

Médico em chefe da Marinha.

A molestia descripta com o nome de ainhum, (1) pelo Dr. Silva Lima (da Bahia), (2) não é particular á raça negra (ethiopica). Tive occasião de observal-a em Pondichéry, em individuos da raça India (ramo tamoul), quer no periodo d'estado, quer depois da queda natural ou provocada de uma parte do pequeno dedo do pé. Como o ramo tamoul não goza de immuniidade alguma pa-

(1) Ainhum é uma palavra barbara que se devia, aliás, escrever ainhum. Tenho conservado esta palavra, em attenção ao medico que fallou primeiro d'este accidente singular, ao qual, ha muitos annos, eu tinha dado o de *exèrèse spontanea*.

(2) Silva Lima, Estudo sobre o ainhum, traduzido do portuguez pelo Dr. Le-Roy de Méricourt (*Archives de médecine navale*, 867, t. 8.º).

thologica, e suas molestias são as mesmas que as dos outros ramos do tronco ariano, que habita o Indostão, é de crer que todos os Indios sejam sujeitos ao ainhum.

Apezar de algumas dissemelhanças entre o aspecto dos pequenos dedos atacados de ainhum, que tenho encontrado, e o dos dedos doentes descriptos pelo Sr. Dr. Silva Lima, estou perfeitamente convencido de que temos observado casos identicos; elle, sobre individuos da verdadeira raça negra, e eu, sobre individuos da raça ariana cruzada. Uma palavra sobre o cruzamento, antes de ir adiante. Em minha opinião, a raça ou ramo tamoul descende dos povos negros dravidianos pelos primeiros Arianos que invadiram o Indostão, muito tempo antes das grandes migrações brahmanicas. Quer, porque a raça negra não tivesse mais, desde esta epocha remota, sua razão climaterica d'existir, quer, porque no Indostão tivesse a sorte das populações selvagens em contacto com a civilisação, os negros puros completamente desapareceram da terra dos Draviras; e n'esta parte da India, da mesma sorte que nos outros pontos os differentes ramos arianos, os Tamouls constituem, ha seculos, uma raça bem definida. Ella existia como tal muito antes da invasão da peninsula pelos povos que lá introduziram o dogma brahmanico. Resulta d'esta filiação que si se cons'derasse o ainhum como uma molestia particular á raça negra, ter-se-hia o direito de admittir que no Indostão esta molestia se tem transmittido por herança.

Porem, na realidade, os ramos indios da raça ariana, são tão bem constituídos em estado de raça, tão bem coordenados para um paiz em que hoje os negros não podem se acclimar mais do que os brancos; são tão differentes dos negros (de cujas immuniidades climatericas, elles, assim como os brancos, não participam) por sua conformação, e suas aptidões moraes, que me julgo authorisado a pensar que, entre elles o ainhum depende de uma endemia cuja causa ou cujas causas são da mesma natureza que as das outras endemias que os atacam. Demais o *Atharva-veda*, que indica as mutilações leprosas entre as quaes está o ainhum, foi escripto muito tempo antes da invasão brahmanica, e em um paiz muito septentrional para que os negros podessem habital-o.

Nunca vi dedo da mão atacado de ainhum; não o tenho observado senão no dedo pequeno do pé. Não me lembro de ter visto caso de ainhum duplo. Todavia, não duvido de sua existencia.

Se, sobre um pequeno dedo modelado em